

Germinal

Jornal da Oposição Operária

Ano X - No. 19

O BRASIL E A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

De começo, torna-se imperativo afastar alguns mal-entendidos espalhados por uma imprensa comprometida com um governo também comprometido com os grandes bancos e grupos capitalistas.

O primeiro mal-entendido é um chavão, repetido até a exaustão pelo próprio Presidente da República, como se pretendesse nos convencer pelo cansaço, e que consiste em afirmar que a crise é algo gerado nos EUA, não se sabe por que "irresponsáveis" processos, ou que, por meio de um outro também não explicado processo, teria migrado para o resto do mundo, o Brasil incluído. O segundo chavão consiste em afirmar que o Brasil, por ter a sua economia assentada em "fundamentos sólidos", na pior das hipóteses sofreria apenas alguns arranhões e que, passada essa

"marolinha", o país, fazendo jus ao seu papel de "florão da América", sairia ileso e, até, mais robusto da depressão. Já existem os mais intrépidos, entre os

formadores da opinião pública, que estão-nos querendo convencer de que o sucateamento

iminente do coração da indústria automobilística do mundo - Detroit, a cidade-Meca da Ford, GM e Chrysler - deixaria

o espaço livre para que países como o Brasil ocupassem com ares de potência promissora do

mundo do capital.

O que os senhores e senhoras do vasto mundo da

mídia, da academia, dos palácios governamentais e dos banquetes servidos pelos senhores do capital não conseguem é: 1) explicar por que a crise, que, no entendimento deles, é coisa gerada pelos países de pele branca e olhos azuis, se propaga tão rapidamente pelos demais países; ou por outra, porque países como o Brasil, a Índia e a China, não obstante ter suas economias baseadas nos tais "fundamentos sólidos", não conseguem evitar a contaminação e dar continuidade ao seu crescimento "autossustentado", como se diz no bordão mais vulgar do mundo; 2) explicar, com base em tanta certeza, quais os cenários desenhados para os rumos do país, uma vez superada a crise - uma tarefa que não pode ser difícil para quem está possuído de tanta certeza acerca da invulnerabilidade do país à crise.

O primeiro chavão, o da preferência do Presidente, deve a sua falácia por "esquecer" que a crise, não obstante ter ido mais longe nos EUA, na assim chamada "locomotiva do mundo", é, antes e acima de tudo, uma crise sistêmica, estrutural e geral de toda a ordem do capital; por isso mesmo, uma crise que acomete o núcleo e mecanismo da acumulação do capital, e que, portanto, é gerada simultaneamente por todos os países que se movem pelas leis capitalistas

Publicação
Oposição Operária

SITE
<http://www.opopssa.info>

Email
opopsp@ig.com.br (São Paulo-SP)
opop@opopssa.info (Salvador-Ba)
opopconquista@bol.com.br (Conquista-Ba)

que emanam desse núcleo de onde emerge a reprodução ampliada do capital - independentemente da cor da pele e dos olhos de sua população. O equívoco do segundo chavão deriva do primeiro, e consiste em que não existem, no quadro de crise estrutural do capital, razões concretas que endossem uma crise de pequenas repercussões para Brasil, Índia e China.

O que precisa ficar claro de uma vez por todas é que, em se tratando de uma crise estrutural do capital, esta é a mais profunda crise que o capital sofreu; uma crise que, apenas iniciada agora, começa a se alastrar, sem nenhuma possibilidade de ser superada com um outro ciclo de onda longa, como o dos anos 1945 a 1975, e que, portanto, vai alcançar todas as economias do mundo, sejam elas do G-7, do G-20, desenvolvidas, subdesenvolvidas ou "emergentes" ou que possam ser reconhecidas por quaisquer rotulações que se lhe deem. No que diz respeito à duração e profundidade da crise nos di-

mundo, dois tipos dem ser ressaltados: longo prazo. No longo estrutural, exaustão do capital, suas hordas de de-sub-remunerados, a igual, enquanto a aprofundamento no pender de situações cada região e país do



inclinações gerais, nenhum analista tem o que apontar; ou seja, a crise incidirá com a mais absoluta certeza, a longo prazo, em todos os países do mundo; porém, a curto prazo ela deverá atingir, de maneira diferenciada, às diversas regiões do mundo de conformidade com condições e circunstâncias próprias de cada país ou região.

Ademais, o grau de velocidade relativa com que os diversos países do mundo cairão nas garras da depressão também não pode ser estipulado de antemão; até porque o aprofundamento maior ou menor em tal ou qual país dependerá do fator mais decisivo nessa alçada, ou seja, da capacidade que o proletariado organizado tenha de se fazer presente com um projeto e uma direção firme para reverter a crise de acordo com os seus interesses de classe numa ou noutra região ou país, lembrando sempre que nunca a humanidade terá sua viabilidade tão dependente de um projeto operário como pressuposto de sua emancipação. O futuro da humanidade está, agora mais do que nunca, nas mãos da classe operária. Se a classe, que tem sobre os seus ombros tamanha tarefa, falhar, só restará à humanidade a barbárie numa escala inimaginável. Nunca foi tão claro esse dilema, que foi outra das convicções de Karl Marx e Friedrich Engels.

OS ECOS DA CRISE E AS TENTATIVAS DESESPERADAS DO CAPITAL

É praticamente um consenso que o capitalismo começou há alguns meses sua pior crise desde a década de 1930 do século passado, ou seja, a pior crise desde a chamada "quebra da bolsa de Nova Iorque", fato ocorrido em 1929 e que repercutiu praticamente no mundo inteiro, tendo seus efeitos irradiados não apenas no espaço mundial, mas por anos e anos a partir do fato detonador.

Pois o novo fato detonador, que nem é tão novo assim - pois vários órgãos da imprensa e

mesmo nós, de Germinal, já apontávamos para o acirramento da crise que estava chegando -, chamado por muitos de "crise financeira", é na realidade a face mais espetacular e superficial de uma crise mais profunda que perpassa o sistema capitalista costurando e amalgamando várias crises (energética, ecológica, financeira, alimentar, empregos, etc.), tendo como substrato uma grande crise sistêmica do modo de produção capitalista.

Cem planos Marshall

Após a destruição dos países europeus, que foram palco da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos intervieram naquele continente com um grande pacote que ficou conhecido como Plano Marshall. Foi com o dinheiro canalizado por aquele pacote que os EUA financiaram a reconstrução dos países europeus do ocidente, ao tempo em que os colocaram sob a sua esfera de influência.

Para se ter uma idéia da dimensão da crise atual, o dinheiro gasto pelos países, sobretudo pelos Estados Unidos da América, já ultrapassou a cifra de 11 trilhões de dólares, quer seja para resgatar bancos e seguradoras em processo de falência ou pré-falimentar, mas também na redução de impostos, ou para patrocinar e

investir em projetos de infraestrutura.

Essa cifra que levantamos - os US\$ 11 trilhões e os demais dados aqui alçados - consta de uma matéria da revista Veja - que de vez em quando tem que falar algumas verdades - número 2104, de 18 de março de 2009, intitulada "Cem Planos Marshall". A essa altura o leitor já imagina o porquê do título da revista, que nós tomamos de empréstimo; é isso mesmo: onze trilhões de dólares equivalem, já ajustado o efeito da inflação, a cem vezes o que foi gasto para reconstruir a Europa destruída; equivale a cem vezes o volume de dinheiro despendido pelo Plano Marshall à época. Isso dá uma idéia da dimensão da crise?

De onde vem tanto dinheiro?

Essa é outra pergunta crucial para se entender não apenas a crise, mas o tamanho dela e, de resto, o beco sem saída em que se meteu o sistema capitalista na tentativa inglória de postergar indefinidamente os seus problemas, ao tempo em que tenta sobreviver fingindo que esses não existem. A questão é que, apesar do derrame de recursos para salvar empresas antes tidas como sólidas e acima de qual-

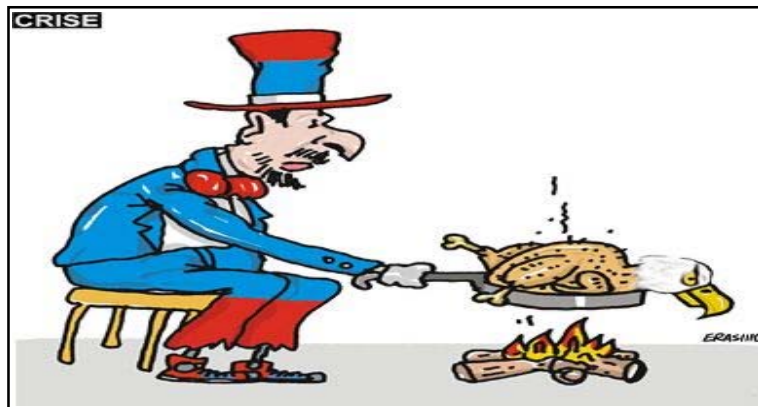
quer suspeita, a maior parte dessa dinheirama, pasmem, simplesmente não existia. Tudo ou quase tudo isso é papel-moeda novo, dinheiro pintado pelos Estados Unidos e seus parceiros para salvar os bancos e outros grandes e fazer frente à drástica contração do crédito que se verificou quando se "descobriu" o volume de "créditos podres" que serviu por anos para alavancar artificialmente um sistema que já não andava na sua dinâmica própria.

Os governos têm o monopólio da impressão de dinheiro, então os governos "pintam" dinheiro e abarrotam o sistema com esse "valor" criado abusivamente, sem nenhum lastro. Mas isso pode funcionar dessa maneira simples as-

sim? Vejamos! A quantidade de moeda na economia americana passou de 781 bilhões de dólares para 837 bilhões, entre setembro de 2008 e março de 2009. Mas além de pintar papel os governos também emitem mais títulos, aumentando o seu endividamento público, ou seja, as dívidas dos governos, que já eram grandes, tornam-se gigantes, sobretudo a do governo norte-americano.

A previsão para os Estados Unidos é que o seu déficit será multiplicado por quatro, de 3,2% do PIB em 2008, para 12% ainda em 2009. Em suma, o endividamento dos bancos, das grandes empresas e segura-

doras, que atingiu níveis insustentáveis também por conta do endividamento das famílias, toda essa espiral - exceto os trabalhadores que serão cobrados - está sendo agora socorrida pelo endividamento dos Estados, que cresce desmesuradamente. A pergunta é inevitável: quem vai pagar o endividamento dos Estados que cresce sem parar? Como sustentar essa economia viciada? Qual a próxima etapa na dinâmica da crise?



Os riscos aumentam

Ampliar gastos públicos, como fazem os governos - inclusive o chinês, que lançou um pacote de 585 bilhões de dólares em obras de infraestrutura -, é antecipar a utilização de recursos que deveriam ser usados no futuro. Quando fazem isso sem lastro, como ocorre agora, e com uma perspectiva de diminuição da arrecadação por conta da retração da economia e do aumento do desemprego, aí o problema se agrava a olhos vistos, aumentando os riscos de novos gargalos e solavancos que o sistema não sabe mais como conter.

Os títulos americanos, por exemplo, tidos e considerados pelo mercado mundial como os títulos de menor risco do mundo, dado o poder da economia dos Estados Unidos e de sua máquina de guerra, passarão a ser vistos cada vez mais com desconfiança, não apenas pelos investidores que sustentam a jogatina global, mas por países como China, Japão e os europeus, que alimentam a economia america-



na acostumada a pintar moeda e negociar com papéis.

O excesso de moeda em circulação, sobretudo por conta das impressões sem lastro, deverá pressionar a alta da inflação num momento não muito distante, o que poderá provocar um descontrole dos preços. Isso tudo, combinado com menor arrecadação e maiores dívidas poderá tornar tentadora a solução de imprimir mais e mais papel-moeda sem o respectivo valor correspondente na economia real. E como o dólar é ainda considerado o "dinheiro do mundo", o papel moeda aceito e reconhecido na maior parte das

transações comerciais do planeta, particularmente com o petróleo - e o Tesouro Americano pode imprimir dólar à vontade -, vemos que os Estados Unidos têm hoje a capacidade de provocar uma inflação mundial, com todas as consequências que podem advir de um processo como esse.

Uma solução temerária e provisória

Não há dúvidas de que a brutal intervenção feita pelos países capitaneados pelos Estados Unidos conseguiu, mesmo que provisoriamente, como dizem os especialistas, "acalmar os mercados", mas, como demonstramos acima, isso à custa de mais contradição ainda, que certamente vai estourar adiante e não vai ter nem Deus para socorrer Estados endividados ao extremo, com dívidas impagáveis e inflação galopante num cenário internacional.

Os títulos do Tesouro Americano, assim com os empréstimos do subprime, estão-se tornando uma espécie de "ativo tóxico", e os países que possuem grande quantidade desses títulos,

como a China, buscam a cada dia um pretexto para se livrar deles, o que não é fácil. Tudo isso coloca também em xeque a posição do dólar como "moeda mundial" e a própria hegemonia americana a partir do poder de sua moeda. Se a desconfiança e a desvalorização do dólar aprofundarem-se, como vem ocorrendo nos últimos anos, qual moeda poderá assumir o seu papel? Simplesmente nenhuma! Nem euro, nem yen e nem a moeda chinesa, o yuan, pois não há economia com força suficiente para substituir o poder da economia americana, agora em desintegração. O descontrole do sistema tende então a aumentar.

Esperar o desmoronamento do sistema?

É por tudo isso que os trabalhadores devem "pôr suas barbas de molho"; é por todos esses

sinais de desintegração, que têm sido dados, de maneira cada vez mais clara, pelo sistema capi-

talista, que nós devemos nos assenhorear de um projeto que vise não a reforma ou melhoria de um sistema, que apodrece a olhos vistos, mas que vise a construção de um verdadeiro sistema que prime pelas soluções dos problemas humanos, pelo respeito à natureza e ao planeta.

É preciso entender o capitalismo e suas limitações, não apenas como sistema, mas as suas limitações históricas. É preciso saber onde está a sua força e onde estão as suas fraquezas. É preciso que comecemos a esboçar um novo projeto de sociedade alternativa ao modo de produção

DE QUE TAXA DE LUCRO SE TRATA?

Alguns analistas vêm afirmando que a taxa de lucro tem sido elevada, no meadamente dos anos 1980 até recentemente, quando a crise sistêmica do capital finalmente exhibe, sem cerimônia ou pudor de qualquer tipo (pois não é verdade que o mercado e a Bolsa têm humor?), todas as contradições, no plano estrutural, de uma maneira que já não dá mais para ocultar. A nossa tese é outra; na verdade ela se coloca na antítese do que é afirmado pelos analistas em questão.

Para nós, a tendência à queda da taxa de lucro da produção capitalista nos EUA, na Europa e no mundo está, na média, em queda desde os anos 1970, sendo que as chamadas contratendências,



que vinham evitando a precipitação da taxa de lucro para baixo - entre elas uma cavalariada exploração da mais-valia absoluta -, já perderam força e eficácia, desde algum tempo, de tal maneira que agora nada parece mais deter essa queda, que aponta para uma depressão sistêmica, vale dizer, uma combinação da depressão da economia produtiva combinada com um crash da esfera financeira.

Examinemos a Figura 1, abaixo, cuja fonte é a OCDE, uma "respeitável" instituição burguesa internacional e que está, como tal e até prova em contrário, "acima de qualquer suspeita". O que a Figura exhibe diante de nossas vistas?

capitalista, para que possamos apontar a perspectiva de vida às novas gerações, e não a barbárie que se avizinha com as soluções arremedadas que esse sistema tem costurado e que só fazem aumentar os problemas e as contradições, com todas as consequências que são cobradas de nossa classe.

Mas para isso não podemos esperar simplesmente que o sistema caia de podre; temos uma tarefa em nossas mãos, e é preciso que nos conscientizemos disso.

Nela estão correlacionadas quatro tendências, que cobrem as performances dos lucros, da acumulação, do PIB e da produtividade nas vastas conjunturas que ocorrem nos últimos 50 anos, incluindo o período de boom que antecede à crise dos finais dos anos 1960 e inícios da década de 1970. Duas tendências se manifestam de modo diferenciado: a primeira, que acontece durante o início da fase recessiva do ciclo de onda longa do pós-guerra, na qual,

como se pode ver pelos dados, ocorre numa estreita correlação entre as quedas nos quatro itens, ou seja, a queda do produto está estreitamente relacionada com as quedas da produtividade, da acumulação e dos lucros; a segunda, que passa a acontecer a partir do ano de 1981, quando se verifica claramente um crescente afastamento entre as performances em tela, principalmente entre os lucros e a acumulação.

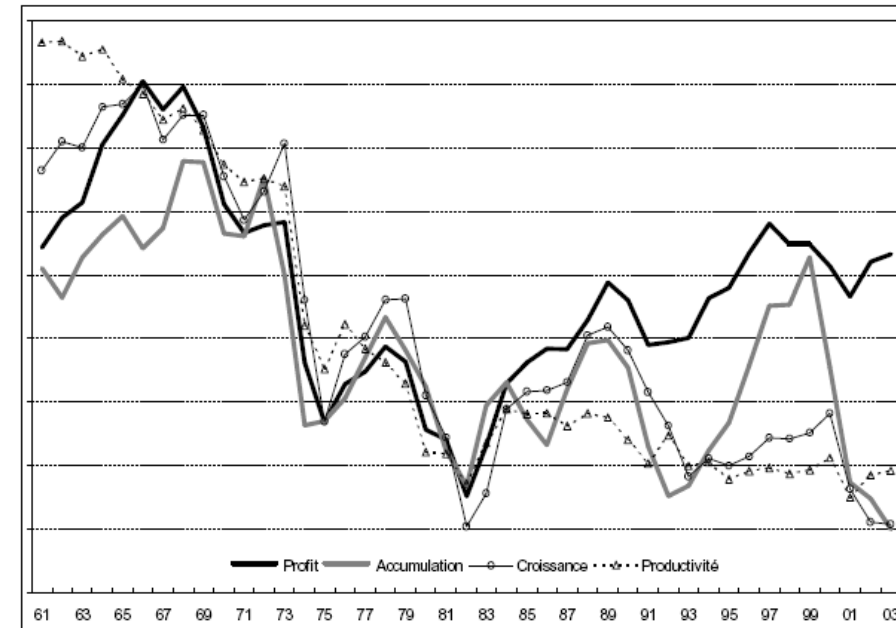
Em todos os anos que vão de 1981 a 2001, o crescimento dos lucros se sobrepõe ao dos demais fatores. Os lucros crescem, inclusive nos intervalos de tempo de 1989 a 1991 e de 2000 a 2003, nos quais, todavia, os elevados lucros obtidos não se traduzem em acumulação. Mas, como temos sempre assinalado, os lucros e a taxa de lucro crescem, mas sempre em níveis mais baixos do que os verificados nos anos 1960, antes que o fogo da onda longa

1945-1968/1975 se apagasse, deixando a crise emergir. De fato, o pico da taxa de lucro mais elevado dos anos de recessão, que aconteceu,

conforme consta da figura abaixo, por volta de 1997, não consegue alcançar o pico dos anos 1966-1967.

Movimento da taxa de lucro, do PIB, da acumulação e da produtividade nos EUA

Graphique 1. Les courbes de l'économie capitaliste mondiale 1961-2003



Moyennes pondérées selon le PIB pour le « G6 » (Etats-Unis, Japon, Allemagne, France, Royaume-Uni, Italie)
Source : OCDE, Perspectives économiques, 2003

Note-se também que, a partir do ano de 1981, quando a crise chega ao seu máximo (antes do momento atual), a taxa de lucro segue crescendo-sempre em níveis mais baixos do que os dos anos 1960-e de uma maneira curiosa: ela começa a discrepar da taxa de acumulação, que permanece mais baixa, indicando que uma massa ponderável dos lucros foi desviada da acumulação. O que aconteceu? Para onde foram os lucros?

Não é necessário ser nenhum Keynes nem Prêmio Nobel em economia para "adivinhar" o paradeiro dessa massa de lucros; basta consultar os anais da assim chamada "crise do subprime" para conhecer os endereços dos sorvedouros de tais lucros-os endereços dos hedge funds, dos bancos e instituições financeiras que praticaram uma orgia napoleônica com trilhões de dólares, que abandonaram a economia real na busca de lucro fácil. Isso é a coisa mais evidente do mundo-e que agora é eloquentemente confirmada por mais do que simples "maus preságios" recém-chegados do Tio Sam.

Pois bem, Senhores, quem traz as "más notícias" é nada menos do que a revista Fortune, também outra celebridade no mundo da informação da burguesia mundial. Na sua edição de

19.04.2009, ela começa pela informação de que os "lucros das 500 maiores empresas dos EUA caíram 85% em 2008" e, logo a seguir, confirma o que nós de Germinal viemos dizendo o tempo todo, a saber, que "os suntuosos lucros que os Estados Unidos registraram nos anos passados não formam parte de uma nova ordem mundial e sim uma bolha que, como o resto, explodiu" (os grifos em itálico são nossos). Diz-nos mais a célebre revista, com a prodigalidade forçada de quem não pode mais omitir o que todo mundo já sabe, que "os lucros caíram 84,7% desde o ano anterior, passando de 645 bilhões de dólares a 98,9 bilhões," e que "[o ano de 2008] supôs o pior desempenho nos 55 anos de história da lista 'Fortune 500'."

Afirma também que as esferas da economia dos EUA mais atingidas foram as do capital fictício e automotivo, com prejuízos de US\$ 214,3 bilhões e US\$ 99,3 bilhões, respectivamente. Mais ainda, que uma empresa que opera no mundo esquizofrênico das finanças, a AIG, foi a mais atingida, resultando numa queda da posição 13ª para a 245ª no ranking da nação. No turbilhão de perdas espremem-se empresas do ramos produtivos (Exxon Móbil, GM, GE, Ford, Chevron...) e do sistema financeiro (entre outras

a Fannie Mae e a Freddie Mac, nossas velhas conhecidas e que estiveram no nó górdio da crise do "subprime", ali mesmo, nos EUA).

Ou seja, na contagem do PIB e dos lucros, como na das taxas do PIB e de lucro, são computados os "PIBs-bolhas", os "lucros-bolhas", as taxas-bolhas dos "PIB-bolhas" e dos "lucros-bolhas", os quais em absoluto não produzem nem 1 grama de valor e/ou mais-valia. São performances de pura fachada, assim como muito do que se faz no país das grandes futilidades, tais como Holywood, Disneylândia, Orlando e Miami

Ora, nem mesmo incluindo na taxa de lucro de 1997 o lucro-bolha, as taxas de lucro não conseguiram igualar-se à taxa de lucro de 1967, último ano da fase de expansão do ciclo de onda longa de 1945-75. Ali sim, lucro basicamente dos setores produtivos, quando, segundo Chomski,

para cada 10 dólares que rotavam neste Mundo de meu Deus, 1 girava no ramo financeiro, enquanto os 9 dólares restantes, na esfera produtiva, ao contrário do que passou a acontecer a partir dos anos 1990, quando, inversamente, para cada dólar que rotava nos ramos produtivos, 9 giravam na armadilha da especulação planetária. Portanto, se deduzirmos (pena que não temos esses dados!) a parcela da taxa-bolha embutida no cálculo da taxa de lucro efetivamente produtivo de 1997, como não constataríamos taxas de lucro verdadeiras quase a se "arastarem pelo chão"?

E aqui, Senhores, como não encerrarmos esta breve análise senão parafraseando Fortune afirmando que os lucros e as taxas de lucro da locomotiva do mundo "não formam parte de uma nova ordem mundial e sim uma bolha que, como o resto, explodiu"?

DA PRIVATIZAÇÃO A ESTATIZAÇÃO: O DISCURSO NEOLIBERAL

Os anos 90 do século XX foram marcados em todo o mundo pelo discurso neoliberal, que se propôs, enquanto projeto, ser uma alternativa "confiável" ao programa social-democrata, que vinha sendo aplicado em vários países do mundo, desde basicamente o pós II Guerra Mundial.

O neoliberalismo propunha ser um novo projeto de saída da crise e de retomada do crescimento econômico em vários pontos do planeta. Ele foi, na verdade, um enxerto e um movimento de contra-tendência ao desenvolvimento da crise do capital, que se via acuado e com uma máquina estatal pesada, no que se refere à participação em empresas diretamente envolvidas na produção, quanto a vários setores de serviços prestados pelo próprio Estado. Ele veio ainda alimentar a necessidade de investimentos do setor privado que tentava a todo custo alavancar um novo ciclo de desenvolvimento capitalista no mundo.

Neste sentido, o neoliberalismo pregou e badalou aos quatro cantos a necessidade de ampliar o mercado e de se ter um Estado "mínimo", em se tra-

tando da sua participação na economia. Este discurso, que batia de frente contra as medidas econômicas de corte keynesiano e social-democrata, e que previa uma participação maior do Estado na economia, vai cair como a mão na luva. A integração ao mercado capitalista global dos países do Leste europeu, por exemplo, em especial os países do capitalismo de Estado - Rússia, Polônia, Alemanha (Oriental), etc. - se apresentará como uma saída para o conjunto da classe dominante daqueles países, no que se refere a medidas privatizantes ali implantadas, colocando, também, a abertura desses países ao mercado internacional.

Essas medidas todas foram combinadas com uma forte e articulada ação de combate às conquistas históricas dos trabalhadores, bem como, a uma política de arrocho salarial e de desemprego em massa. Isso acabará por impulsionar um aumento na taxa de mais-valia e a diminuição do capital variável (aquele capital que o capitalista dispõe para a compra da força de trabalho). Porém, isso, contudo, não foi suficiente para a realização de um aumento considerável da taxa de lucro, devido a um correlato



aumento do capital constante (máquinas, equipamentos, novas plantas industriais, etc.). Enfim, um aumento da capacidade produtiva, proporcionado também pela generalização da revolução digital, que acabou por comprimir a taxa de lucro para baixo em um período bastante curto.

Muitos ainda analisam o crescimento econômico de alguns países nos anos 90 como uma saída de um ciclo anterior de onda longa descensional e a correspondente entrada em um novo ciclo ascensional que estaria se extinguindo neste momento. Na verdade, confunde-se um relativo pico de crescimento, que não conseguiu recompor a taxa de lucro no nível dos índices de crescimento de antes dos anos 70, com a retomada de uma nova onda de desenvolvimento capitalista. O estágio atual da crise estrutural e sistêmica do capitalismo é de um profundo e persistente momento de exaustão de toda a ordem do capital, que inclui as esferas produtiva, comercial e financeira. No entanto, isso por si só não é suficiente para uma possível queda e substituição do capitalismo. É preciso, antes e acima de tudo, o desenvolvimento da luta de classes, que é afinal, o fator determinante para se definir as possibilidades de retomada de qualquer saída econômica e social, no que se refere a superação da crise.

Neste sentido, a classe operária em particular e o conjunto do proletariado em geral, desde basicamente os anos 80, quando foram gestadas as políticas neoliberais, contando com a colaboração dos sindicatos, centrais sindicais e partidos reformistas e social-democratas, a burguesia conseguiu no nível internacional, impor uma verdadeira derrota aos trabalhadores. Sem muitas vezes precisar recorrer ao recurso do fascismo, pelo estabelecimento da busca

do "consenso", da colaboração de classes, de todas as esferas de compromissos e apelos ideológicos vários, e ainda, devido a não encontrar uma resistência, a burguesia, acabou por inaugurar um novo momento contra-revolucionário. Assim, através de derrotas seguidas, é que o proletariado segue em um espaço social conjuntural, com ausência significativa de formas de organizações históricas compatíveis com as tarefas da luta socialista. Faltam formas embrionárias de Estado proletário, faltam organizações de um Pré-Estado e por último faltam Partidos revolucionários marxistas capazes de responder a altura às investidas do capital em agonia profunda. Este é, portanto, um momento delicado para o proletariado em luta, constituindo ainda, um período de reconstrução da práxis revolucionária em grau superior ao até aqui verificado. Paralelamente aos levantes futuros da classe operária, terá que necessariamente ocorrer uma retomada prática e teórica do marxismo, nos aspectos gerais dos desígnios históricos da luta pelo socialismo e o comunismo.

A burguesia internacional, neste momento, retoma a prática histórica já definida, a participação do Estado na economia, com o objetivo de socorrer bancos e empresas falidas ou em dificuldades, jogando assim, na lata do lixo, o discurso de fundo ideológico do "Estado mínimo". Quando for necessário, em outro momento, a burguesia poderá fazer uso do discurso neoliberal no intuito de justificar outras medidas privatizantes. Assim, o Estado, além de ser um instrumento de opressão e dominação de classes, é um co-patrocinador do processo de desenvolvimento econômico; no entanto, ele também está em crise e sujeito as leis que regulam o funcionamento do capital.

ESPAÇO CULTURAL

REVOLUÇÃO

*Apaixonei-me por ela
Ainda em idade jovem
Passando por cima
De tudo e de todos*

*Era tão envolvente e
Acalorados os teus afagos
Mais pareciam carinhos
Rebentos em mar revoluto*

*O afeto amoroso
Que declinou a mim
Envolveu-me em áurea
Serena singela e sutil*

*Fui assim chamado a
Relacionar-me eternamente
Com a mais contraditória
Fonte de libertação*

*Num enlace de alianças
Conquistou-me polo sopra moral*

*Ética comunista que sopra
Narinas, bocuas e poros*

*Ah! Quanto gratificante
É lembrar do seu néctar
Saboroso e encorpado
Tal qual vinho tinto, suave ou doce*

*Como me acrescenta a alma
Seus lampejos faiscantes
Das folgueiras e barricadas acesas*

*Encontro-me com ela
Em todos os momentos
Do pensar lógico
No sonhar repousante*

*As mais finas das matérias
Relacionam-se ao longe
Confrontos entre classes
Caminhos da história*

*Vejo-me sempre envolto
Em turbilhões crescentes
Espirais infinitos
Movimento que não se cansa*

*Ah! Rebeldia dos poetas
Inspiração sublime
Canção de violadas
Samba de pés ao chão*

*Quero enaltecer-te
Quero tua alma engrandecer
Quero viver-te intensamente
Quero tombar com os camaradas*

*Quero só por ti morrer
Em memória inabalável
Nos anais da luta nossa
Registra-te em páginas brancas
A cor rubra do nosso sangue*

Odisseu Aranha da Roseira